

As transações correntes do Brasil, que refletem a entrada e saída de dólares, terminaram 2004 com superávit histórico, reduzindo a vulnerabilidade do país. Investimentos estrangeiros atingiram US\$ 18 bi

Recorde nas contas externas

VICENTE NUNES
Da equipe do Correio

O Brasil registrou em 2004 superávit de US\$ 11,669 bilhões na conta de transações correntes com o exterior, que incluem a balança comercial, as transferências para o país de recursos de brasileiros que vivem fora, os gastos com serviços e o pagamento de juros. Foi o melhor resultado desde 1947, quando o governo passou a divulgar tal levantamento. O número mais próximo desse valor foi verificado em 1992, com saldo positivo de US\$ 6,109 bilhões. Mas, diferentemente daquela época, em que o Brasil estava mergulhado na recessão, a economia brasileira está, agora, em franca expansão. “O superávit, em si, é um ótimo resultado. Mas o melhor é que ele foi conseguido sem a necessidade de o país conter as importações para ter saldo comercial positivo ou porque a economia estava estagnada”, destacou o economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank em Nova York. No final de 2003, o BC acreditava que as transações correntes fechariam o ano passado com um buraco superior a US\$ 4 bilhões.

Quando comparado em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país em um ano, também o superávit em transações correntes foi recorde: 1,94%. No ano passado, essa relação havia ficado em 0,82% e, em 1992, em 1,58%. Segundo o chefe-ad-

junto do Departamento Econômico do Banco Central, Luiz Sampaio Malan, as transações correntes foram sustentadas, sobretudo, pelo excepcional resultado da balança comercial — as exportações superaram as importações em US\$ 33,693 bilhões. Durante os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), os constantes saldos negativos na balança comercial levaram as transações correntes a acumularem rombo próximo de US\$ 120 bilhões. “Ao analisarmos os números, podemos dizer que a virada das contas correntes não foi conjuntural. Os dados são consistentes e o ajuste veio para ficar”, ressaltou o economista do BC, irmão do ex-ministro da Fazenda de FHC Pedro Malan.

Primeira vez

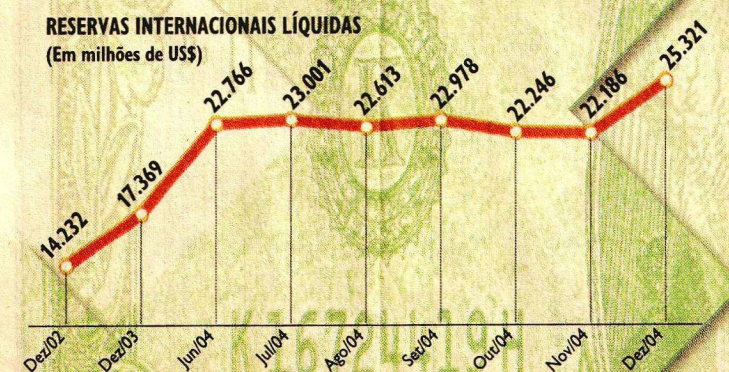
O resultado das transações correntes se refletiu por todo o balanço de pagamentos, que contabiliza todas as operações do país com o exterior. Tanto que o saldo final do balanço ficou superavitário em US\$ 2,244 bilhões. Foi a primeira vez, desde 1998, que o Brasil conseguiu fechar as contas com saldo positivo sem a necessidade de socorro do Fundo Monetário Internacional (FMI). Em 2004, destacou Malan, em vez de receber empréstimos do Fundo, o Brasil pagou US\$ 4,363 bilhões. Olhando apenas para os números, o economista do BC assinou que o país já consegue hoje sobreviver sem a ajuda financeiro

BONS RESULTADOS

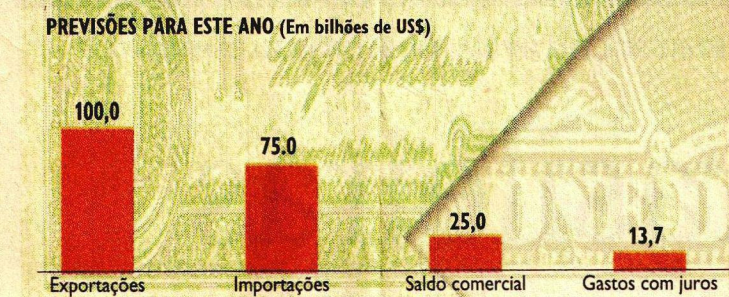
CONTAS EXTERNAS
Transações correntes (Em milhões de US\$)



RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS
(Em milhões de US\$)



PREVISÕES PARA ESTE ANO (Em bilhões de US\$)



INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS
(Em milhões de US\$)



VENCIMENTOS DE JUROS E PRINCIPAL
DA DÍVIDA EXTERNA EM 2005
(Em milhões de US\$)



Total 45.673

Fonte: Banco Central

do FMI. Mas a decisão de o Brasil renovar ou não o acordo com o organismo internacional que vencerá em março próximo será tomada pelo governo no prazo oportuno. Neste ano, o Brasil se comprometeu a pagar US\$ 7 bilhões ao Fundo e não prevê nenhum saque de recursos.

Apesar da não necessidade financeira do FMI, Manuel Enríques Garcia, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, disse que o Brasil deve renovar o acordo por pelo menos mais um ano. “Será uma questão de precaução. É importante para o país registrar mais um ano de

contas externas ajustadas para convencer os investidores estrangeiros de que o equilíbrio é para valer e que as vulnerabilidades a choques internacionais estão cada vez menores”, destacou. O professor chamou a atenção para os indicadores que medem a solvência do país e são usados para medir a capacidade de pagamento do governo.

Comparação

De acordo com o BC, em 1999, os serviços da dívida externa (juros e principal) representavam 126% do total das exportações brasileiras. Hoje, essa comparação está em 62,4%. A dívida total

em relação ao PIB caiu, de 1999 para cá, de 42% para 34,9%. A razão entre a dívida externa total e as exportações baixou de 4,7 para 2,2 vezes. Já as reservas internacionais do país, que há seis anos eram de 2,2 vezes os juros da dívida, representam atualmente 3,4 vezes. “Ainda não dá para dizer que estamos com indicadores de países desenvolvidos. Mas a melhora que tivemos nos últimos anos foi rápida e inédita”, afirmou Luiz Malan, destacando que, num quadro bastante conservador, as transações correntes vão fechar este ano com saldo próximo de zero.

O balanço de pagamentos de

2004 mostrou ainda um bom resultado para os investimentos estrangeiros diretos (IED), que totalizaram US\$ 18,166 bilhão. Excluídos os US\$ 4,9 bilhões referentes à troca de ações da Ambev com a belga Interbrew, o saldo ficou em US\$ 13,266 bilhões, praticamente o que previu o BC no início do ano passado. Segundo Malan, nos primeiros 20 dias de janeiro, o IED alcançou US\$ 889 milhões, devendo fechar o mês em US\$ 1,2 bilhão, ante os US\$ 993 milhões de janeiro de 2004. Em dezembro do ano passado, o IED totalizou US\$ 3,150 bilhões, o melhor resultado para o mês desde o início da série histórica do BC.